



## O último soneto de Manoel Botelho de Oliveira (ca. 1706)

### *The Last Sonnet by Manoel Botelho de Oliveira (ca. 1706)*

Enrique Rodrigues-Moura

Otto-Friedrich-Universität Bamberg (Uni Bamberg), Bamberg/Alemanha

enrique.rodrigues-moura@uni-bamberg.de

<http://orcid.org/0000-0002-7204-0197>

**Resumo:** Este artigo apresenta um soneto pouco conhecido de Manoel Botelho de Oliveira (Salvador da Bahia, 1636-1711), escrito em louvor ao folheto *Patrocínio empenhado pelos clamores de um preso*, de autoria de Félix de Azevedo da Cunha e impresso em Lisboa em 1706. Portanto, além da comédia em castelhano *Hay amigo para amigo* (Coimbra, 1663) e do livro de versos políglotas *Música do Parnaso* (Lisboa, 1705), que também inclui duas comédias em castelhano, este soneto é o terceiro texto de Botelho de Oliveira que chegou a ser impresso em vida. Edita-se e comenta-se este soneto, a partir de dados históricos e por meio de uma interpretação filológica, na linha da crítica textual. Os dados históricos conhecidos e o estudo filológico do poema permitem afirmar que Botelho de Oliveira passou os últimos anos da sua vida desfrutando da sua condição de homem da governança da Cidade de Salvador da Bahia, enquanto se preocupava por deixar um legado literário para a posteridade.

**Palavras-chave:** Manoel Botelho de Oliveira; literatura brasileira do Período Colonial; Salvador da Bahia.

**Abstract:** This paper discusses an obscure sonnet by Manoel Botelho de Oliveira (Salvador da Bahia, 1636-1711), written in praise of the 1706 pamphlet *Patrocínio empenhado pelos clamores de um preso*, by Félix de Azevedo da Cunha. Besides the Spanish comedy *Hay amigo para amigo* (Coimbra, 1663) and the book of polyglot verses *Música do Parnaso* (Lisbon, 1705), which also includes two Spanish comedies, this sonnet is the third text by Botelho de Oliveira to be printed during the author's lifetime. Based on historical data and following a philological interpretation in line with textual criticism, this sonnet is edited and commented. The known historical data and philological study of the poem allow us to state that Botelho de Oliveira spent the last years of his life enjoying his condition as a man of governance of the city of Salvador da Bahia, while worrying about leaving a literary legacy for posterity.

**Keywords:** Manoel Botelho de Oliveira; Colonial Brazilian Literature; Salvador da Bahia.

No romper do século XVIII, Manoel Botelho de Oliveira andava muito ocupado com seus papéis. Entre a cidade de Salvador da Bahia e seus engenhos de açúcar do Recôncavo baiano, dedicava sua atenção a inúmeros poemas escritos no decorrer da sua vida, voltava à suas comédias em castelhano e culminava umas traduções engenhosas de versículos escolhidos da *Vulgata*. Durante esses anos, dedicou seus afazeres literários em escrever, reescrever, mandar transcrever e reorganizar todos os papéis acumulados ao longo da vida, e ainda teve tempo de exercer suas funções de “homem da governança” na Câmara de Salvador da Bahia, em representação dos senhores de engenho e lavradores de canas, chegando, inclusive, a ser eleito para exercer as funções de vereador durante todo o ano de 1710.<sup>1</sup> Nesse primeiro decênio dos setecentos, mandou vários códices manuscritos para serem impressos em Lisboa, cidade onde residia o seu primogênito, Estêvão de Brito Freire;<sup>2</sup> porém, teve desigual sorte com os resultados. Se, por um lado, saboreou a alegria de ver em letras de molde o ambicioso livro *Música do Parnaso* (1705), outros textos ficaram no prelo, quase prontos para a sua impressão.<sup>3</sup> Preocupou-se, também, em adquirir honrarias sociais, como o almejado Hábito da Ordem de Cristo, mas sem êxito, embora até tenha solicitado segundas diligências. As inquirições feitas por duas vezes pela Mesa de Consciência e Ordens de Lisboa determinaram que Botelho de Oliveira era “infamado” de cristão novo por parte materna, tornando-o inábil para receber o Hábito da Ordem de Cristo.<sup>4</sup> Entre papéis acumulados

---

<sup>1</sup> Para as atividades de Botelho de Oliveira no Senado da Cidade de Salvador da Bahia, cf. as *Atas da Câmara* (ATAS..., 1950a, 1950b, 1984) e as *Cartas do Senado* (CARTAS..., 1962, 1973).

<sup>2</sup> Consulte-se a Mercê de D. Joao V a Estêvão de Brito Freire, de 26 de janeiro de 1743. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, Chancelaria Régia de D. João V, livro 138, fl. 314 (cf. também RODRIGUES-MOURA, 2017, p. 123).

<sup>3</sup> Sobre a importância desse livro para as letras da América Portuguesa, cf. Muhana (2005), Rodrigues-Moura (2001, 2005, 2009, 2011, 2021a) e Teixeira (2005).

<sup>4</sup> Consultem-se as Provanças de Manoel Botelho de Oliveira para ingressar na Ordem de Cristo, 15 de junho de 1705. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, Habilitações à Ordem de Cristo, letra M, maço 39, n. 92 (parcialmente sem numeração). As novas diligências solicitadas por Botelho de Oliveira e assinadas a 26 de outubro de 1706 conservam-se no mesmo conjunto de papéis. Felizmente para Botelho de Oliveira e para a sua família, graças a uma mercê real de D. João V, pôde passar o direito a ingressar na Ordem de Cristo a dois de seus filhos: Estêvão de Brito Freire e Francisco Félix Botelho de Brito (cf. RODRIGUES-MOURA, 2008).

ao longo da vida e assuntos da governança, Manoel Botelho de Oliveira viria a falecer a cinco de janeiro de 1711, na cidade de Salvador da Bahia.<sup>5</sup>

Esmiucemos os dados históricos conhecidos para traçar as linhas mestras desses derradeiros anos tão férteis da vida de Manoel Botelho de Oliveira. Nesse breve resumo, culminaremos com o último soneto de Botelho de Oliveira, escrito em louvor à breve obra métrica *Patrocínio empenhado pelos clamores de um preso*, de autoria de Félix de Azevedo da Cunha. O soneto publicou-se à página 18, das 19 de que consta esse folheto, impresso na oficina de Valentim da Costa Deslandes, em Lisboa, em 1706. Trata-se de uns versos já citados por Rubens Borba de Moraes (1969), na sua sempre consultada *Bibliografia Brasileira do Período Colonial* (cf. também ALMEIDA, 2010), mas que até hoje pouca atenção receberam por parte da crítica.<sup>6</sup> E não deixam de ser interessantes esses catorze versos, se não pelo seu valor poético intrínseco, com certeza, sim, como prova da estreita relação existente entre as letras e as atividades públicas dos homens que andavam na governança da cidade de Salvador da Bahia. Como se sabe, compor versos vinha a ser uma atividade conformadora da identidade dos “nobres da terra” do Estado do Brasil, como também o era para os nobres e/ou funcionários de diferentes categorias que atuavam nas cortes de Lisboa ou de Madrid (cf. DADSON, 2019; MARÍN CEPEDA, 2015; MARÍN PINA, 2020; MARÍN PINA 2021; MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, 2010).

Vamos aos pormenores, tanto históricos como filológicos. Depois da sua volta de Coimbra, com o título de Formatura em Cânones, fato que deve ter acontecido por volta da segunda metade de 1665, ou algo mais tarde, Botelho de Oliveira integrou-se bem entre o grupo dos homens que decidiam os destinos de Salvador da Bahia e seu Recôncavo.<sup>7</sup> Seu segundo

<sup>5</sup> Essa precisa data de falecimento foi fornecida por Diogo Barbosa Machado na sua sempre citada *Biblioteca Lusitana* (MACHADO, 1741-1759; RODRIGUES-MOURA, 2017). Lembre-se que seu irmão, o historiador e jurista Inácio Barbosa Machado, exerceu o cargo de juiz de fora na Cidade de Salvador da Bahia, por alguns anos, de 1720 em diante.

<sup>6</sup> Este soneto foi republicado pela primeira vez por Heitor Martins, no artigo “Félix de Azevedo: primeiro crítico literário brasileiro”, de 1971, e reimpresso na recopilação de seus artigos (MARTINS, 1983, p. 13-14). Também aparece publicado em textos de Rodrigues-Moura (2009, p. 33) e Zuccaro (2019, p. 40). Zuccaro interessa-se, neste poema, pelo estudo da descrição, em relação com outros poemas impressos de Botelho de Oliveira.

<sup>7</sup> Depois da Jornada dos Vassalos, as pessoas e homens da governança de Salvador da Bahia perceberam que o Recôncavo baiano ocupava um lugar privilegiado nas redes globais da Monarquia Hispânica e, após a Restauração, mantiveram essa consciência de orgulhosa “cabeça do Brasil” nas dinâmicas comerciais e militares, tanto com o Reino como com os outros territórios portugueses da América, África e Ásia (cf. RODRIGUES-MOURA, 2020, p. 388-389, 395-396; VICENTE MARTÍN, 2020).

casamento, com Felipa de Brito Freire, que pertencia a uma importante e abastada família local, ampliou ainda mais a sua rede familiar e clientelar, que, a dizer verdade, já seu pai começara a estabelecer quando decidira ficar em Salvador da Bahia, para onde tinha vindo como soldado voluntário na famosa Jornada dos Vassalos, de 1625, que recuperara militarmente a praça do domínio neerlandês (cf. RODRIGUES-MOURA, 2008). Botelho de Oliveira chegou a possuir dois engenhos de açúcar: o primeiro, situado ao pé do rio Traripe, e, o segundo, nas margens do rio Jacumirim, ambos afluentes do rio Subaé e situados perto da vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, hoje em dia, São Francisco do Conde, no Recôncavo baiano (cf. RODRIGUES-MOURA, 2017, p. 119, 124-125). No entanto, era muito provável que residisse a maior parte do tempo na capital, pois era em Salvador da Bahia que podia tratar sem demora dos assuntos da governança: exerceu por longos anos a profissão de advogado da Casa da Relação,<sup>8</sup> foi nomeado Capitão Mor dos distritos de Papagaio, Rio do Peixe e Gamelaria da freguesia de Jacobina pelo governador D. João de Lencastre em junho de 1702<sup>9</sup> e, finalmente, foi eleito duas vezes vereador do Senado da Câmara, em 1684 e em 1710.<sup>10</sup> E é muito provável que o seu terceiro

---

<sup>8</sup> Assim consta na mercê que lhe outorgou D. Pedro II a 31 de outubro de 1697: “Dom P.º por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves etc. faço saber aos que esta minha carta de padrão virem q. tendo resp.<sup>to</sup> aos serviços de Manoel Botelho de Oliveira filho de Antonio Alvares Botelho e natural da cidade da Bahia de todos os sanctos obrados de m.<sup>toz</sup> annoz a esta p.<sup>te</sup> na ocupação de advogado da Caza da Relação da mesma cidade defendendo varias cauzas dos contratadores dos dizimoz Reaes pescaria das baleaz e direitoz dos vinhoz de q. rezultou aum.<sup>to</sup> a fazenda Real [...]” Mercê de D. Pedro II de 80 rs. de tença a Manoel Botelho de Oliveira, de 31 de outubro de 1697. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, Chancelaria Régia de D. Pedro II, livro 24, fl. 113v.

<sup>9</sup> Carta Patente de D. João de Lencastre a Manoel Botelho de Oliveira, Salvador, 4 de junho de 1702. Salvador da Bahia, Arquivo Público do Estado da Bahia, Colonial, Patentes 1696-1703, Livro 335, fl. 341r, 341v e 342r. Segundo Clóvis Moura, citando Borges de Barros, Botelho de Oliveira teria agido com determinação e violência contra os quilombos: “Em todo o interior do Nordeste e na Bahia em particular os quilombos proliferavam: em Papagaio, Tucano, Rio do Peixe, Gameleira e Jacobina, segundo aquele historiador [Borges de Barros], os negros se organizaram em quilombos, sendo destruídos pelas forças de Manuel Botelho de Oliveira” (MOURA, 1981, p. 107). A tradição manuscrita grafa “Gamelleira” ou “Gamellaria”, indistintamente.

<sup>10</sup> Sobre as atividades de Botelho de Oliveira no Senado da Câmara da Cidade de Salvador da Bahia, cf. as já citadas *Atas da Câmara* (ATAS..., 1950a, 1950b, 1984) e as *Cartas do Senado* (CARTAS..., 1962, 1973).

filho varão tenha nascido na capital, pois foi lá que, a 21 de março de 1696, fora batizado, na paróquia de Conceição da Praia, com o nome de Manoel.<sup>11</sup>

Na viragem do século XVII para o XVIII, Botelho de Oliveira já ultrapassava os sessenta anos, e deve ter pensado que seria um bom momento para pôr as coisas em ordem. O fim dos seus dias não poderia estar longe. Ao mesmo tempo, o labor da pastoral contrarreformista munia-se das artes plásticas, do teatro, da parenética e de inúmeras publicações para que a memória da morte se mantivesse sempre presente em diversos momentos e âmbitos da vida (uma “pedagogia traumatizante”, em definição precisa de Delumeau, 1983, p. 638). De modo especial, os sermões incidiam na atualização da morte e animavam a uma meditação sobre o final da vida, incentivavam a rejeição dos bens mundanos e alentavam a uma preparação moralmente virtuosa para o próximo e inevitável fim da existência terrenal (*memento mori; contemptus mundi; vita venturi saeculi; disciplina christiana*) (cf. BLANCO TREJO; LOREDO NARCIANDI, 2016; DELUMEAU, 1983; GONZÁLEZ LOPO, 2005; MARTÍNEZ GIL, 2000; PALOMO, 1997; PÉCORA, 1994; RODRIGUES, 2008; SALIDO LÓPEZ, 2015).

Assim, Botelho de Oliveira, já com uma idade provecta para os patamares da época, deve ter considerado que era necessário reunir os papéis escritos no decorrer da sua vida, alguns marcadamente religiosos – quem sabe se uma parte significativa desses versos religiosos não foi escrita, basicamente, na derradeira curva da vida?<sup>12</sup> –, e ainda teve tempo para cuidar de assuntos de honra e pecúlio, pois solicitou com afinco o Hábito da Ordem de Cristo (cf. RODRIGUES-MOURA, 2008). Como podemos ler no seu soneto em forma de diálogo, que forma parte do manuscrito *Lyra*

---

<sup>11</sup> Cf. Livro de Batizados 1696-1709, Paróquia de Conceição da Praia (Salvador), Estante 02, caixa 08, f. 1v. Universidade Católica de Salvador (UCSAL), Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga (Arquivo da Cúria Metropolitana) (RODRIGUES-MOURA, 2017, p. 123).

<sup>12</sup> A maioria dos poemas religiosos não possuem indícios temporais, nem no corpo do texto nem nos títulos, que permitam avançar uma data de composição. Alguns devem ter sido escritos para eventos sociopolíticos da vida pública da cidade de Salvador da Bahia, tais como procissões, festas religiosas etc (sobre a Ação de Graças pela Restauração da Capitania de Pernambuco contra os Holandeses, cf. SILVA, 2009). Interessa notar que em estudo sociológico dirigido por Ricardo García Cárcel, o domínio da matéria religiosa no total da produção literária do denominado *Siglo de Oro* espanhol é significativo, alcançando cotas de pelo menos 50% dos escritos conservados (GARCÍA CÁRCEL, 2008, p. 333).

*Sacra*, códice datado a 12 de setembro de 1703, a sua ponderação da vida humana mantinha uma clara coerência contrarreformista:<sup>13</sup>

Ponderação da vida humana Soneto CXV

Homem que queres?	vida regalada:
vida que solicitas?	larga <e>idade:
<e>idade que procuras?	liberdade:
liberdade que logras?	prenda amada:
prenda que conta fazes?	conta errada:
conta que somas já?	pouca verdade:
verdade que descobres?	a vaidade:
vaidade que pertendes?	tudo e nada:
tudo que ganhos dá?	perda notória:
perda que vem a ser?	de Deus eterno:
Deus que vida nos presta?	transitória:
transitória que aspira?	ao Céu superno:
Céu que nos oferece?	a eterna glória:
glória que nos evita?	triste inferno.

(OLIVEYRA, 1703, p. 62v)

---

<sup>13</sup> Transcrevo o soneto (ABBAABBA CDC DCD) a partir da cópia conservada na Biblioteca Pública de Évora (CXIV / 1 – 4). Modernizo a ortografia, mas assinalo a emenda presente no próprio texto: a mão responsável primeiro escreveu “idade” (duas vezes), para, logo a seguir, corrigir por “idade” (emenda de elocução) (cf. RODRIGUES-MOURA, 2019, 2021b). O manuscrito de Lisboa (Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 1295 / 9) transcreve sempre “idade”, sem mudanças significativas do ponto de vista do conteúdo (a pontuação, as abreviaturas e a escolha de “y” por “i” em “triste” são as únicas diferenças assinaláveis entre esses dois manuscritos, o de Évora e o de Lisboa). É muito provável que essas emendas do manuscrito conservado em Évora sejam autorizadas por Botelho de Oliveira, pois, mais adiante (f. 93v), há dois versos que foram rasurados e não constam no manuscrito de Lisboa. Para uma transcrição paleográfica do soneto, cf. Oliveira (1971, p. 74) (ed. de Heitor Martins); para uma edição mais recente, cf. Oliveira (2005, p. 322) (ed. de Adma Muhana).

Em forma de diálogo, logo, demonstrando certa habilidade métrica – há outros exemplos na obra de Botelho de Oliveira<sup>14</sup> –, o soneto tem uma clara mensagem: o objetivo do ser humano seria vencer os enganos do mundo, desenganar-se dos prazeres terrenos para alcançar, pelo exercício da virtude, um bem superior: “a eterna glória” (v. 13). É nesse mesmo sentido que o poeta Francisco de Quevedo (2007, p. 15), ao se dirigir ao leitor, no seu prólogo a *Sueños y discursos de verdades descubridoras de abusos, vicios y engaños en todos los oficios y estados del mundo* (1627), afirma que os *Sueños y discursos* trazem “grande proveito espiritual para todos, pois neles se encontrarão desenganos e avisos do que acontece neste mundo e há de acontecer no outro”.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> A modo de exemplo, e sem querer ser exaustivo, interessa salientar os seguintes sonetos: “A um grande sujeito invejado e aplaudido” (OLIVEYRA, 1705, p. 44), “A Santa Maria Madalena aos pés de Cristo” (OLIVEIRA, 1971, p. 65) e um soneto incluído na comédia *Hay amigo para amigo* (vv. 821-834) (OLIVEYRA, 1705, p. 253). Todos podem ser lidos tanto de esquerda à direita (o esperável), como de forma vertical, em duas ou três colunas, e sempre de cima para baixo. Trata-se de exercícios versificadores que Botelho de Oliveira cultuou com certo interesse, tanto em português como em castelhano, e teve a preocupação de incluí-los nos seus textos definitivos: *Música do Parnaso* e *Lyra Sacra* (cf. GOMES, 1985).

<sup>15</sup> Original: “*gran provecho espiritual para todos, pues en ellos hallarán desengaños y avisos de lo que pasa en este mundo y ha de pasar en el otro*”. Um motivo clássico para mostrar a discordância entre o que captam os sentidos e a crua realidade era a descrição da visão de um remo submerso na água, que se mostra curvo. Na comédia *Mañana será otro día* (1636), de Calderón de la Barca, a personagem D. Beatriz afirma: “Nada a nuestra vista ha sido / más claro que el agua bella, / siendo así que dentro della / la claridad ha mentido. / Muchos ejemplos ha habido, / baste un remo: el más igual / de corvo nos da señal / como en su esfera se bañe. / ¿Qué habrá que no nos engañe / si nos engaña un cristal?” (“*Nada à nossa vista foi / mais claro do que a bela água, / sendo assim que dentro dela / a claridade mentiu. / Houve muitos os exemplos, / baste um remo: o mais igual / de curvo dá-nos um sinal / como na sua esfera se banhe. / Que haverá que não nos engane / se um cristal nos engana?*”) (CALDERÓN DE LA BARCA, 1653, p. 281). Nessa mesma linha, Botelho de Oliveira também se serviu das mesmas agudezas, na sua comédia *Hay amigo para amigo*, para assinalar a inconstância amorosa ou o engano que reina no mundo: “*Mírase un astro en el cielo, / y da de pequeño indicios; / mírase un ave en el aire, / y muestra un color lucido; / mírase un objeto lejos, / y entonces negro se ha visto; / mírase un remo en el agua, / y parece quebradizo; / no siendo el astro pequeño, / no siendo el color preciso, / no siendo el objeto negro, / no siendo el remo partido*” (“*Olha-se para um astro no céu, / e dá mostras de ser pequeno; / olha-se uma ave no ar, / e mostra uma cor lúcida; / olha-se um objeto distante, / e então preto se afigura; / olha-se um remo na água, / e parece quebradiço; / não sendo o astro pequeno, / não sendo a cor nítida, / não sendo o objeto preto, / não sendo o remo partido*”) (OLIVEYRA, 1705, p. 276). Tanto nessas citações, como nas que seguem, moderniza-se a ortografia e a pontuação. Traduções de E. Rodrigues-Moura.

O debate entre a verdadeira realidade e as aparências foi uma constante no século XVII. Assim, o encontro com a verdade é o objetivo máximo do desengano, como saída do engano, fusão com o esclarecimento: defrontar-se com a verdade para superar o véu das infundadas ilusões. A consciência de que os sentidos enganam a percepção humana do mundo exterior foi tema tratado na literatura da época, repetidamente. Como afirma Gracián (1990, p. 717) na terceira parte do *El Criticón* (1657): “Valeu-lhe este aviso, e até desengano, que importa muito ter bom entendimento para abraçar a verdade”.<sup>16</sup>

Semelhantes temas são tratados em outros sonetos incluídos no livro *Lyra Sacra* (sonetos CIX a CXXIV) (OLIVEIRA, 1971, p. 71-79), nos quais, por um lado, se apresenta um julgamento negativo sobre os prazeres mundanos – “passos da vaidade”, “vida transitória” (soneto CXI, vv. 3 e 9); “ouves neste silêncio os desenganos” (soneto CXIII, v. 14) – e, por outro, insta-se a uma vida virtuosa, segundo os modelos próprios da Contrarreforma: “[...] com segura confiança, / me livro do Demônio, carnee mundo, / na fê, na caridade, na esperança” (soneto CXVIII, vv. 12-14).

Nesses primeiros anos do século XVIII, passaram pelas suas mãos os poemas que escrevera em Coimbra, quando lá estivera como estudante. Por exemplo, o romance “À fonte das lágrimas, que está na cidade de Coimbra”, com os seguintes versos: “Esta das lágrimas fonte / na douta Coimbra está” (vv. 49-50); ou ainda o romance “Pintura de uma dama namorada de um letrado”, no qual se brinca, literariamente, com as denominações coloquiais de importantes livros presentes nas aulas conimbricenses: por exemplo, e como simples amostra, “Feliciano” (v. 8, alusão a Francesco Feliciano, autor do *Libro di Arithmetica & Geometria speculativa & practicale*, Venecia: Francesco Bindoni & Mapheo Pasini, 1550), “Júlio Claro” (v. 17, autor de

<sup>16</sup> Original: “Valióle este aviso, y aun desengaño, que importa mucho tener buen entendimiento para abrazar la verdad”. O livro de Gracián foi publicado em três partes, que apareceram nos anos de 1651, 1653 e 1657. A já citada comédia *Mañana será otro día* é clara a respeito da impotência dos sentidos, especialmente os da visão e da audição, perante a confusão que causam os enganos e desenganos do mundo: “Pues no así desconfiéis; / que hay desengaños que son / engaños y puede ser / que el desengaño os engañe; / que aun aquello que se ve, / quanto más lo que se oye, / nos suele mentir tal vez” (“Pois não assim desconfiéis; / que há desenganos que são / enganos e pode ser / que o desengano vos engane; / que até aquilo que se vê, / e mais ainda o que se ouve, / nos costuma mentir por vezes”) (CALDERÓN DE LA BARCA, 1653, p. 280-281).



*Opera omnia cum summariis et indice locupletissimo*, Genevae: sumptibus Samuelis Chouët, 1666), “Fermosino” (v. 23, Nicolás Rodríguez Hermosino, autor de várias obras publicadas no século XVII e, posteriormente, reunidas na *Opera omnia canonica, civilia, et criminalia*, 14 tomos, Köln, 1741), “Graciano” (v. 24, possível referência ao chamado *Decreto de Graciano ou Concordia discordantium canonum*, síntese da normativa canônica dos primeiros séculos do cristianismo, de 1140-50, aprox., mas muitas vezes reeditado) etc.

Durante esses anos passados em Coimbra, o êxito da Restauração portuguesa era ainda algo incerto. Lembre-se que, embora o início público da Restauração tenha tido lugar no dia primeiro de dezembro de 1640, só o Tratado de Paz entre Portugal e a Espanha, assinado entre janeiro e fevereiro de 1668, viria a consolidar a independência portuguesa. Botelho de Oliveira vivera em Portugal entre 1657 e 1665, embutido com a capa preta de estudante conimbricense, logo, pôde presenciar, no Reino, os efeitos da batalha da Linha de Elvas (1659), o casamento entre D. Catarina de Bragança e o rei Carlos II da Inglaterra (1661), a batalha do Ameixal (1663) e também a batalha de Castelo Rodrigo (1664) e, principalmente, a fundamental vitória de Montes Claros (1665). No começo do século XVIII, deve ter mantido certa lembrança de todos esses eventos já antigos, pois fez questão de que no livro *Música do Parnaso* constassem alguns poemas laudatórios a diferentes heróis militares desses feitos de armas, por exemplo, o soneto em italiano “A D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda de Sua Majestade, no tempo em que o chamou para a corte” (OLIVEYRA, 1705, p. 219), ou as oitavas reais intituladas “Panegírico ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Marialva, Conde de Cantanhede, no tempo que governava as Armas de Portugal” (OLIVEYRA, 1705, p. 91-100) etc.<sup>17</sup> E ainda voltou a reler e corrigir aqui ou ali uma peça de teatro intitulada *Hay amigo para amigo* (título original: *Ay amigo para amigo*), que publicara anonimamente e em castelhano, em Coimbra, no ano de 1663. Assim, onde se lia “*Dar las cuestas será justo*

<sup>17</sup> Estes romances – “À fonte das lágrimas, que está na cidade de Coimbra” e “Pintura de uma dama namorada de um letrado” – encontram-se no livro *Música do Parnaso* (OLIVEYRA, 1705, p. 144-147). Outras denominações coloquiais de livros acadêmicos presentes neste último romance são as seguintes: “Parladoro” (v. 27), “Rosentário” (v. 28), “Mascardo” (v. 29), “Lambertino” (v. 29), “Tomásio” (v. 33), “Nata” (v. 33), “Leotardo” (v. 37), etc. (cf. RODRIGUES-MOURA, 2011).

/ [...] *Será justo dar las cuestras*” (v. 297-298) (OLIVEIRA, 1663, p. 6), passou a se ler “*Volverle espaldas es justo. / [...] Justo es que espaldas le vuelva*” (OLIVEYRA, 1705, p. 245), e se eliminou o evidente lusismo: “cuestras” emendou-se por “espaldas” (cf. RODRIGUES-MOURA, 2005). Muitos mais exemplos do livro *Música do Parnaso* poderiam ser expostos aqui. Botelho de Oliveira reuniu para essa publicação inúmeros poemas escritos no decorrer de uma vida inteira e estes foram polidos em não poucas ocasiões, como uma leitura filológica, hoje, permite perceber.<sup>18</sup>

O livro *Música do Parnaso* saiu com licenças do Santo Ofício, assinadas a 19 de julho e a 14 de outubro de 1703, sendo que a licença do Paço de Lisboa foi assinada a 20 de outubro de 1703. O livro foi impresso no decorrer do ano de 1704, pois a 27 de fevereiro de 1705 taxou-se em “trezentos & cinquenta réis” (OLIVEYRA, 1705, p. IX). Quer dizer, o livro *Música do Parnaso* já era uma realidade no começo de março de 1705, e podia correr. Nos dias de hoje, existem uns catorze exemplares desse livro, distribuídos entre Portugal, o Brasil e a Inglaterra. De acordo com as datas das licenças, e tendo em consideração, por um lado, que não existia imprensa no Brasil, e, por outro, que não há dados de uma viagem de Botelho de Oliveira ao Reino no começo do século XVIII, podemos deduzir que ele deve ter enviado para Lisboa o manuscrito já pronto para a sua impressão no fim de 1702, ou, mais tardar, no começo de 1703.<sup>19</sup> No Reino estava o seu filho, Estêvão de Brito Freire, garrido doutor em Cânones pela Universidade de

---

<sup>18</sup> Poder-se-ia pensar que o poema latino *Colloquium elegiacum. Tagi et Mondæ* (“Colóquio elegíaco entre o Tejo e o Mondego”) teria sido escrito durante a estadia de Botelho de Oliveira em Coimbra, mas a dedicatória do poema esclarece a data de composição: “Pro obitu DD. Antonii Telles de Silva” (“Pela morte do Sr. D. Antônio Teles da Silva”). Trata-se do padre Antônio Teles da Silva, autor de jurisprudência canônica e lente na Universidade de Coimbra, falecido, prematuramente, em 1699. Era filho de Manuel Teles da Silva, 2º Conde de Vilar Maior e 1º Marquês de Alegrete, a quem Botelho de Oliveira dedicou o seu livro *Lyra Sacra*. Observa-se, assim, que Manoel Botelho de Oliveira serviu-se da língua latina também nos últimos anos da sua vida.

<sup>19</sup> A América Portuguesa nunca contou com universidades nem imprensa. Os manuscritos escritos no Brasil tinham que chegar ao Reino para serem impressos. O impressor português Antônio Isidoro da Fonseca chegou a abrir uma imprensa no Rio de Janeiro, em 1747, mas esse mesmo ano foi obrigado a fechá-la, censura que se repetiu em 1750, quando Fonseca solicitou, já oficialmente, uma autorização para imprimir livros no Brasil (cf. BRAGANÇA, 2010; HALLEWELL, 1985).

Coimbra, que, não é improvável, deve ter ajudado nas tarefas encaminhadas à impressão de *Música do Parnaso*.<sup>20</sup>

Ainda mais papéis passaram pelas mãos de Botelho de Oliveira nesse alvorecer do século XVIII. Depois de ter remitido o manuscrito de *Música do Parnaso* ao Reino, tratou (ou continuou tratando) das poesias religiosas, que reuniu no manuscrito *Lyra Sacra*, o qual inclui uma dedicatória ao Marquês de Alegrete e um prólogo ao leitor, ambos assinados na Bahia, a 12 de setembro de 1703.<sup>21</sup> O extenso livro consta, em português, de 124 sonetos, dois poemas em oitavas, duas canções, uma silva, sete redondilhas e nove romances e, em espanhol, de dois poemas escritos em décimas e seis romances. Ao tempo que reunia esses poemas sacros, escritos, sem dúvida alguma, durante um longo período, culminava uma obra em prosa, o *Jardim historial de conceituosas flores*, cujo “Prólogo ao leitor” vai assinado a 19 de fevereiro de 1704.<sup>22</sup> Trata-se, neste caso, de uma prosificação em língua portuguesa de passagens da História Sagrada, com indicações das fontes nas margens de cada fólio.

Deve ter recebido alguns exemplares impressos do livro *Música do Parnaso* quando se encontrava a encerrar o manuscrito *Conceitos Espirituais*, que vai datado no ano de 1706. Neste caso, trata-se de uma composição talvez um tanto mais exigente do que o *Jardim historial de conceituosas flores*, pois autoriza todos os conceitos que apresenta com lugares concretos da *Escritura Sagrada*, como ele próprio escreve no prólogo

---

<sup>20</sup> Na folha de rosto do livro *Música do Parnaso*, Botelho de Oliveira recebe o título de “Fidalgo da Casa de Sua Majestade”. Como esse título só lhe foi concedido em 9 de maio de 1704, por mercê de D. Pedro II, quando o manuscrito já se encontrava em Lisboa (as licenças são do ano de 1703), tendemos a pensar que o filho (ou outra pessoa) terá se preocupado de informar o impressor dessa novidade e, entre maio de 1704 e fevereiro de 1705 (data em que o livro foi taxado), essa informação pôde ser incluída na folha de rosto (cf. Mercê de D. Pedro II a Manoel Botelho de Oliveira, de 9 de maio de 1704. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, livro 11, fl. 210r, 210v e 255v).

<sup>21</sup> Existem dois manuscritos: um conservado na Biblioteca Pública de Évora (sig. CXIV / 1 – 4) e publicado pela primeira vez por Heitor Martins em 1971, e um segundo, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal (sig. COD. 1295 / 9). Adma Muhana reeditou o livro *Lyra Sacra* na sua edição das poesias de Botelho de Oliveira, publicada em 2005. Nessa ocasião, baseou-se no manuscrito de Évora, mas confrontou a sua leitura com a de Heitor Martins.

<sup>22</sup> O único manuscrito conhecido encontra-se na Biblioteca Pública de Évora (sig. CVd / 1 – 20). A bibliografia a respeito é muito parca (cf. COELHO, 2018).

“Ao leitor” (OLIVEYRA, 1706, p. 2). Na verdade, são traduções mais ou menos engenhosas de versículos bíblicos da *Vulgata*, embora de vez em quando o texto latino traduzido provenha de fonte jurídica, como o *Corpus iuris civilis* (cf. 15v ou 17v, por citar alguns exemplos).<sup>23</sup>

Foram esses, pois, anos em que Botelho de Oliveira não largou a pena e escreveu e reescreveu com muita constância. Às provas nos remetemos, que aqui resumimos: o manuscrito *Música do Parnaso* culminou-se por volta de 1702, a *Lyra Sacra* inclui um prólogo ao leitor datado a 12 de setembro de 1703, o prólogo ao leitor do *Jardim historial de conceituosas flores* é de 19 de fevereiro de 1704 e a redação final dos *Conceitos Espirituais* terminou-se no ano de 1706. E sem largar esses papéis, Manoel Botelho de Oliveira seguia tratando dos assuntos da governança da cidade de Salvador da Bahia, na medida em que pertencia à “nobreza da terra”. Também se ocupou da documentação necessária para conseguir o Hábito da Ordem de Cristo e, como já foi assinalado acima, é muito provável que continuasse trabalhando como advogado da Casa da Relação.

É certo e comprovado que mantinha ótimas relações com o governador D. João de Lencastre, a quem dedicou vários poemas e graças ao qual foi nomeado Capitão Mor em 1702.<sup>24</sup> E também é certo e comprovado

<sup>23</sup> Conhece-se um único manuscrito conservado na Biblioteca Pública de Évora (sig. CXXIII / 1 – 24). Maria Gouveia Seitz editou-o como Tese de Mestrado (Indiana University Bloomington, outubro de 1989), orientada por Heitor Martins, que já publicara paleograficamente a *Lyra Sacra* de Botelho de Oliveira (cf. RODRIGUES-MOURA, 2021b, p. 177, nota 19).

<sup>24</sup> D. João de Lencastre era de linhagem real, pois descendia de Jorge de Lencastre, filho natural de D. João II. Serviu de forma destacada nas guerras da Restauração (1640-1665). Foi nomeado governador de Angola (1688-1691) e, a seguir, governador-geral do Brasil (1694-1702). Ao seu longo governo no Brasil devem-se muitas iniciativas: melhorias das defesas do litoral, ataques contra os indígenas e quilombos próximos a Salvador da Bahia, ampliação da Câmara Municipal, reforma da Igreja Matriz, início da exploração aurífera, edificação tanto da Casa do Tribunal da Relação como da Casa da Moeda (1695) etc. Para a construção da Casa da Moeda, Botelho de Oliveira contribuiu economicamente, ao emprestar doze mil cruzados da sua fazenda (cf. Carta Patente de D. João de Lencastre a Manoel Botelho de Oliveira, Salvador, 4 de junho de 1702. Salvador da Bahia, Arquivo Público do Estado da Bahia, Colonial, Patentes 1696-1703, Livro 335, fl. 341r, 341v e 342r). Os poemas que Botelho de Oliveira dedicou a D. João de Lencastre são os seguintes, a saber: “AD. João de Lancastro, na ocasião do incêndio do Mosteiro e Igreja de São Bento em Lisboa, fazendo-se menção de se livrar do naufrágio da Barra da Bahia” (soneto); “Ao mesmo Senhor, trazendo a imagem de Nossa Senhora da Graça desde o seu templo até o Mosteiro de São Bento, sem a largar de seus ombros” (soneto); “Ao mesmo Senhor, mandando a seu filho D. Rodrigo de Lancastro para a Índia” (soneto); e “A D. João de Lancastro, dando-lhe as graças a Cidade da Bahia por trazer a ordem de Sua Majestade para a Casa da Moeda, que de antes tinha prometido” (romance) (OLIVEYRA, 1705, p. 88, 89, 210-212).

que conseguiu prolongar no tempo seu prestígio público, pois teve voz ativa em representação dos senhores de engenho e lavradores de cana no estabelecimento dos preços do açúcar (pelo menos nos anos de 1697, 1700, 1701 e 1708),<sup>25</sup> além de que seu nome se encontrava no grupo dos “homens bons” da cidade, pelo que pôde ser eleito para exercer o cargo de vereador durante todo o ano de 1710.<sup>26</sup> Não é difícil imaginar que tenha exercido essas funções políticas com papéis trazidos e levados nas algibeiras, nos quais escrevia e reescrevia o que as Musas lhe ditavam, de acordo com o modelo retórico-poético e teológico-político (cf. HANSEN, 2019) do seu tempo.

E chegamos ao último soneto de Botelho de Oliveira, escrito em louvor ao citado poema político *Patrocínio empenhado pelos clamores de um preso*, de autoria de Félix de Azevedo da Cunha.<sup>27</sup> Não consta que, depois dessa data, ainda tenha escrito outros poemas. Mesmo sendo provável que a veia poética não o tenha abandonado nunca, de todos os textos datados que conservamos de Botelho de Oliveira, este soneto é, indubitavelmente, com os dados atuais, o que encerra a sua produção literária:<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> Cf. as *Atas da Câmara* (ATAS..., 1950a, 1950b, 1984) e as *Cartas do Senado* (CARTAS..., 1962, 1973). Botelho de Oliveira ainda foi testemunha da boa conduta dos parentes de Eusébio da Costa Figueiredo, nascido em Salvador da Bahia, que em 1696 se apresentou à *Leitura de Bacharéis* do Paço de Lisboa, controle burocrático fundamental para poder vir a exercer uma carreira na administração do Reino (cf. CALMON, 1949, p. 46, nota 11).

<sup>26</sup> A Câmara Municipal tinha um corpo deliberativo integrado por dois juizes, três vereadores e um procurador. A eleição se realizava “anualmente pelas oitavas de dezembro, por um corpo eleitoral, composto dos homens bons da cidade” (RUY, 2002, p. 39; primeira edição de 1949). O juiz ordinário mais velho presidia a eleição, à que se apresentavam três listas de candidatos elegíveis, as quais se introduziam num pelouro. Uma mão inocente acabava decidindo que lista era a escolhida para fazer parte do Senado da Câmara durante o ano seguinte. Essa estrutura da Câmara Municipal manteve-se estável até 1696, quando um amplo processo de centralização administrativa, dirigido pelo Paço de Lisboa, outorgou ao Tribunal da Relação a autoridade de escolher os cargos do Senado (cf. PITA, 1976, p. 220; RUY, 2002). Interessa observar que Botelho de Oliveira foi vereador tanto em 1684 como em 1710, quer dizer, foi vereador com os dois sistemas de eleição.

<sup>27</sup> Existem três exemplares deste folheto na Biblioteca Nacional de Portugal (sig. L. 1402//2 A., L. 3307//11 A. e L. 6998//11 V). O exemplar L. 3307//11 encontra-se acessível de forma digital: <https://purl.pt/21913>. Acesso em: 30 out 2021.

<sup>28</sup> Transcreve-se aqui o soneto (ABBAABBA CDC DCD), como antes assinalado, com ortografia parcialmente modernizada.

Ao mesmo assunto [Em louvor desta obra métrica do Capitão Félix de Azevedo da Cunha]

Soneto

*Do Capitão Mor Manoel Botelho de Oliveira*

Tão docemente a Musa em vós se estrea,  
quando de César o favor procura,  
que, se é doce a piedade, na doçura  
de vosso metro corre doce a vea.

Vossa Talia, de eloquência chea,  
descreve da clemência a graça pura,  
com tal primor, tal arte, tal ventura,  
que o rigor da Justiça em vós se enlea.

De vosso engenho a docta actividade,  
mostrando em rimas o discurso fino,  
tempera da Justiça a integridade,

propondo a César tão glorioso ensino,  
que, para ser divino na piedade,  
vós pelo engenho vos fazeis divino.  
(OLIVEIRA apud CUNHA, 1706, p. 18)

O assunto em questão, que dá título ao poema, provém do soneto anterior, assinado por Miguel Boussin: “Em louvor desta obra métrica do Capitão Félix de Azevedo da Cunha”. E, certamente, o soneto descreve a doçura da musa Talia – musa da comédia, mas também da poesia bucólica e pastoril –, que percorre o metro da composição poética. Pela força do engenho e graças ao sopro inspirador da musa (*inspiratio*) e ao domínio da arte (*ars* ou *téchne*, em grego antigo), o poeta alcança a divindade. O poema elogiado compõe-se de 16 oitavas (oitava rima; ABABABCC) e leva o seguinte título: “Memorial a favor de um preso, feito ao Senhor Luís César de Meneses, Governador e Capitão General do Estado do Brasil”. E sobre a autoria, os dados são explícitos: “Por Félix de Azevedo da Cunha, Capitão do Terço da Armada Real, estando por hóspede do dito Senhor General na Bahia” (CUNHA, 1706, p. 7). Na folha de rosto, consta o ano de 1706, e a dedicatória ao filho do Governador, o “Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Sargento Maior de Batalha do Exército e Província de Alentejo”, vai datada em Lisboa a 13 de junho de 1706. Assina-a o Bacharel em Cânones Ignácio

de Sampaio Homem de Magalhães. Por sua vez, o preso que se pretende tornar livre recebe o nome de Martinho Fernandes Neiva, e por sua “clara inocência” merece a clemência do governador, que o tire de seu “desterro” (CUNHA, 1706, p. 8-9). Acompanharam Botelho de Oliveira neste livro, além do português Félix de Azevedo da Cunha, que anos depois embrenharia pelas Minas Gerais, o coronel Sebastião da Rocha Pita, o licenciado João Rodrigues Mendes, o capitão João de Brito Lima, Miguel Boussim e o doutor Bartolomeu da Silva Correia. Como já apontara Heitor Martins, o nome desses autores estabelece um elo entre o grupo de poetas da Bahia e a produção literária de Minas Gerais (cf. MARTINS, 1984; ROMEIRO, 2018, p. 58-60), e Botelho de Oliveira, mesmo no fim da sua vida, a escrever o seu último soneto, participou dessa sociabilidade literária, dessa comunicação letrada entre diferentes territórios da América Portuguesa.

Azevedo da Cunha escreve no seu “Memorial em favor de um preso” que a justiça é o bem supremo que mantém o governo das coisas; porém, neste caso, pede misericórdia, “virtude santa e pia”, ao Senhor Luís César de Meneses (CUNHA, 1706, p. 10). Botelho de Oliveira, por sua vez, refere-se à clemência que suaviza ou modera o rigor da justiça. Ambos poetas aludem à magnanimidade (*magnanimitas*), virtude própria do Antigo Regime e patrimônio dos príncipes e, em geral, da nobreza ou dos que se podem chamar de senhores. Segundo a teologia católica e a teoria política vigente nos países da Contrarreforma, o rei tinha que tratar seus vassallos como verdadeiros filhos, dando provas da sua magnanimidade. Assim, espelhando essa relação, o senhor também tinha que tratar os seus subordinados com carinho filial, uma relação a partir do conceito de caridade. Mesmo que o “bem comum”, baseado na justiça, fosse o objetivo político que se perseguia no Antigo Regime ibérico – segundo a divisão do corpo social em três estados: *bellatores*, *oratores*, *laboratores* –, superior inclusive ao poder real e no qual devia primar a justiça, a incontrolável generosidade do rei, do senhor, podia criar problemas ao sistema judicial. Se o senhor tinha que exercer o favor e a graça, uma reconciliação amistosa como solução para um conflito vinha a ser mais elogiada do que as sentenças da distante justiça (cf. CARDIM, 1999; HESPANHA, 1994; TORGAL, 1981-1982; XAVIER, 1998). Por consequência, conclui o poema de Botelho de Oliveira, Luís César de Meneses, sendo clemente, poderia ser “divino na piedade”, ao tempo que Azevedo da Cunha passaria a ser “divino” pela qualidade do seu

engenho (OLIVEIRA apud CUNHA 1706, p. 18). Lembre-se que, segundo a *Arte de ingenio – Tratado de la agudeza* (1642-1648), de Baltasar Gracián, das quatro causas da agudeza, o engenho era a principal: “todas sem ele não bastam, e ele basta sem todas”<sup>29</sup> (GRACIÁN, 1998, p. 424).

Beirando os setenta anos, os textos de sua autoria que conservamos permitem-nos deduzir que Botelho de Oliveira andava empenhado em pôr certa ordem nos seus versos e em algumas prosas, em mandar transcrevê-los em códices definitivos e, se possível, em vê-los impressos em Lisboa. A consciência de ter sido o “primeiro filho do Brasil” que fez “pública a suavidade do metro” poético, como escreveu na dedicatória a D. Nuno Álvares Pereira no livro *Música do Parnaso* (OLIVEIRA, 1705, p. III), deve ter-lhe sabido bem. Alguns anos depois, fundar-se-ia a Academia Brasílica dos Esquecidos, mas Botelho de Oliveira já não estava entre os vivos para almejar junto aos seus pares que o sol nascesse na Bahia: *Sol Oriens in occiduo* (“o sol sai por ocidente”). Não resta a menor dúvida, no entanto, de que viveu numa época em que a elite governante sabia escrever “uma catorzada”<sup>30</sup> sem grandes problemas, ou pelo menos era capaz de julgar com certo conhecimento retórico a qualidade poética de um soneto. O domínio das letras era uma forma de exercer o poder político e Manoel Botelho de Oliveira sabia disso muito bem.

## Referências

ALMEIDA, Palmira Morais Rocha de. *Dicionário de autores no Brasil colonial*. 2. ed. rev. e ampl. Lisboa: Colibri, 2010.

ATAS da Câmara 1669-1684. Salvador da Bahia: Prefeitura do Salvador, 1950a. v. 5.

ATAS da Câmara 1684-1700. Salvador da Bahia: Prefeitura do Salvador, 1950b. v. 6.

ATAS da Câmara 1700-1718. Salvador da Bahia: Prefeitura do Salvador, 1984. v. 7.

---

<sup>29</sup> Original: “todas sin él no bastan, y él basta sin todas”.

<sup>30</sup> Trata-se da famosa e lúdica definição de soneto feita por Francisco Manuel de Melo, durante a sua estadia no Brasil (1655-1657): “[...] vou pegar da pena, / para escrever tão simples catorzada?” (MELO, 2006, p. 486).



- BLANCO TREJO, Florentino; LOREDO NARCIANDI, José Carlos. Maneras de morir: técnicas de subjetivación en el antiguo Ars Moriendi. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 45-92, 2016.
- CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. São Paulo: José Olympio, 1949.
- CARTAS do Senado 1699-1710. Salvador da Bahia: Prefeitura do Salvador, 1962. v. 5.
- CARTAS do Senado 1710-1730. Salvador da Bahia: Prefeitura do Salvador, 1973. v. 6.
- BRAGANÇA, Aníbal. António Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores. In: BRAGANÇA Aníbal; ABREU Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010. p. 25-39.
- CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. Mañana será otro día. In: LÓPEZ, Manuel (Ed.). *El mejor de los mejores libros que han salido de Comedias Nuevas*. Madrid: María de Quiñones, 1653. p. 246-295.
- CARDIM, Pedro. Amor e amizade na cultura política dos séculos XVI e XVII. *Lusitânia Sacra*, n. 11, p. 21-57, 1999.
- COELHO, Daniella Paez. De pétalas e prólogos: breve panorama da produção de Manuel Botelho de Oliveira e apresentação de sua obra inédita, “Jardim historial de conceituosas flores”. *Revista Entrelaces*, Fortaleza, v. 1, n. 12, p. 127-144, 2018.
- CUNHA, Félix de Azevedo da. *Patrocínio empenhado pelos clamores de hum prezo*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706.
- DADSON, Trevor J. Los nobles y la poesía a principios del siglo XVII. *Cuadernos de Historia Moderna*, Madrid, v. 44, n. 2, p. 363-385, 2019.
- DELUMEAU, Jean. *Lé pêche e la peur: la culpabilisation en Occident XIIIe-XVIIIe siècles*. Paris: Fayard, 1983.
- GARCÍACÁRCEL, Ricardo. La identidad de los escritores del Siglo de Oro. *Studia Historica: Historia Moderna*, 6, n. 1, 2009, p. 327-337.
- GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o boca de brasa: um estudo de plágio e criação textual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONZÁLEZ LOPO, Domingo Luis. El ritual de la muerte barroca: la hagiografía como paradigma del buen morir cristiano. *Semata, Ciências Sociais y Humanidades*, Santiago de Compostela, v. 17, p. 299-320, 2005.

GRACIÁN, Baltasar. *El criticón*. Madrid: Cátedra, 1990.

GRACIÁN, Baltasar. *Arte de ingenio: tratado de la agudeza*. Madrid: Cátedra, 1998.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1985.

HANSEN, João Adolfo. Para uma História dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. In: HANSEN, João Adolfo. *Agudezas seiscentistas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 2019. p. 39-54.

HESPANHA, António Manuel. *As vésperas do Leviathan: instituições e poder político*. Portugal – século XVII. Coimbra: Almedina, 1994.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*, 4 vols. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca (vol. I), Oficina de Ignácio Rodrigues (vols. II e III), Oficina de Francisco Luiz Ameno (vol. IV), 1741-1759.

MARÍN CEPEDA, Patricia. *Cervantes y la corte de Felipe II: escritores en el entorno de Ascanio Colonna (1560-1608)*. Madrid: Polifemo, 2015.

MARÍN PINA, María Carmen. Las damas también juegan: intercambio de motes de palacio en la década de 1620. *Atalanta*, vol. 8, n. 2, 2020, p. 10-28.

MARÍN PINA, María Carmen. Antonia de Mendoza, dama de palacio, condesa de Benavente y poeta del siglo XVII. *Tropelias. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, n. 35, 2021, p. 275-289.

MARTÍNEZ GIL, Fernando. *Muerte y sociedad en la España de los Austrias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2000.

MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, Santiago. “En la corte la ignorancia vive [...] y [...] son poetas todos”. Mecenazgo, bibliofilia y comunicación literaria en la cultura aristocrática de la corte. *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 35, 2010, p. 35-67.

MARTINS, Heitor. O primeiro crítico literário brasileiro. In: *VII Anuário do Museu da Inconfidência e do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Pró-Memória/Secretaria da Cultura, 1984. p. 11-18.

MELO, Francisco Manuel de. *Obras métricas*. Edição coordenada por Marília Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho. Braga: APPACDM, 2006. 2 v.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do Período Colonial*: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*: quilombos, insurreições, guerrilhas. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MUHANA, Adma. Introdução. In: OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Poesia completa*: Música do Parnasso e Lira Sacra. Introdução, organização e fixação de texto de Adma Muhana. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. XI- XCI.

OLIVEIRA, Manoel Botelho de. *Hay amigo para amigo*: comedia famosa y nueva. Coimbra: Officina de Tomé de Carvalho, 1663.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Lyra Sacra*. Leitura paleográfica de Heitor Martins. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Poesia completa*: Música do Parnasso e Lira Sacra. Introdução, organização e fixação de texto de Adma Muhana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEYRA, Manoel Botelho de. *Lyra Sacra*. Biblioteca Pública de Évora, códice CXIV/ 1 – 4, 1703.

OLIVEYRA, Manoel Botelho de. *Musica do Parnasso dividida em quatro coros de rimas portuguesas, castelhanas, italianas & latinas*. Com seu descante comico redusido em duas Comedias. Offerecida ao Excelentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereyra de Mello, Duque do Cadaval, &c. e entoada pelo Capitam Mor Manoel Botelho de Oliveyra, Fidalgo da Cazade Sua Magestade. Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1705.

OLIVEYRA, Manoel Botelho de. *Conceitos Espirituais*. Biblioteca Pública de Évora, códice CXXIII / 1 – 24, 1706.

PALOMO, Federico. “Disciplina christiana” Apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamiento social como categorías de la historia religiosa de la alta edad moderna. *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 18, 1997, 119-136.

PÉCORA, Alcir. *A arte de morrer*: os sermões de quarta-feira de cinzas de Antônio Vieira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Edição de Pedro Calmon. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

QUEVEDO, Francisco de. *Sueños y discursos de verdades descubridoras de abusos, vicios y engaños en todos los oficios y estados del mundo*. Sevilla: Doble J, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 255-272, 2008.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711): Un poeta, dos continentes, cuatro idiomas. In: DEMBICZ, Andrzej; OLEJNICZAK, Dorota (Eds.). *Actas del 50. Congreso Internacional de Americanistas*. Varsóvia: Centro de Estudios Latinoamericanos (CESLA), 2001. p. 366-384.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Manoel Botelho de Oliveira, autor del impreso “Hay amigo para amigo”. Comedia famosa y nueva, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho, 1663. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 71, n. 211, p. 555-573, 2005.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. El abogado y poeta Manoel Botelho de Oliveira (1636-1711): ‘infamado de cristão novo’. *Hispania Judaica Bulletin*, Jerusalém, v. 6, p. 105-129, 2008.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Manoel Botelho de Oliveira em Coimbra: a comédia “Hay amigo para amigo” (1663). *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 31-38, 2009.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Engenho poético para cantar um artifício engenhoso. O astrolábio de Valetim Estancel nos versos de Botelho de Oliveira e Gregório de Matos. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 151-166, 2011.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Nacimiento y óbito de Manoel Botelho de Oliveira: Ciudad de Salvador de Bahía, 1636-1711. *REB: Revista de Estudios Brasileños*, Salamanca, v. 4, n. 8, p. 113-126, 2017.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Para uma interpretação hermenêutica de uma edição crítico-genética: emendas de elocução e emendas de poética. In: CARRILHO, Ernestina; MARTINS, Ana Maria; PEREIRA, Sandra; SILVESTRE, João Paulo (Eds.). *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 1339-1354.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Percurso acadêmico de Manoel Botelhode Oliveira em Coimbra (1657-1665). Documentação conservada no Arquivo da Universidade de Coimbra. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 181, v. 483, p. 355-396, 2020.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Prolegômenos: letras na América Portuguesa. In: RODRIGUES-MOURA, Enrique (Org.). *Letras na América Portuguesa: autores – textos – leitores*. Bamberg: University of Bamberg Press, 2021a. p. 6-41.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. Erro de substituição em edições modernas (1953, 2005): “Ifis” passa a ser “Isis” no soneto em espanhol “Verifica algumas fábulas em seu amor” (impresso em 1705), de Manoel Botelho de Oliveira. In: RODRIGUES-MOURA, Enrique (Org.). *Letras na América Portuguesa: autores – textos – leitores*. Bamberg: University of Bamberg Press, 2021b, p. 163-188.

ROMEIRO, Adriana. *Vila Rica em sátiras: produção e circulação de pasquins em Minas Gerais, 1732*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

RUY, Affonso. *História da Câmara Municipal da Cidade de Salvador*. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 2002.

SALIDO LÓPEZ, José Vicente. La literatura doctrinal y devocional en las escuelas del barroco español. El memento mori como materia escolar. *Historia de la Educación*, Salamanca, n. 34, p. 221-243, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei. Festa e Memória da elite açucareira no século XVII: a Ação de Graças pela Restauração da Capitania de Pernambuco contra os Holandeses. In: OLIVEIRA, Carla Mary da Silva; MENEZES, Mozart Vergetti de; GONÇALVES, Regina Célia (Eds.). *Ensaio sobre a América portuguesa*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2009, p. 67-80.

TEIXEIRA, Ivan. A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira – 300 anos depois. In: OLIVEIRA, Manoel Botelho de. *Música do Parnaso*. Ed. fac-sim. Organização e estudo crítico Ivan Teixeira. São Paulo: Ateliê, 2005. p. 7-96.

TORGAL, Luís Manuel Soares Reis. *Ideologia política e teoria do Estado na Restauração*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1981-1982. 2 v.

VICENTE MARTÍN, Irene María. ‘Toda la ciudad se altera’: sociedad imperial y política local en Salvador de Bahía tras la Restauración de 1625 (c. 1625-1640). In: SANTOS PÉREZ, José Manuel; MEGIANI, Ana Paula;

RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis (Eds.). *Redes y circulación en Brasil durante la Monarquía Hispánica (1580-1640)*. Madrid: Sílex, 2020. p. 369-404.

XAVIER, Ângela Barreto. “*El Rei aonde póde, & não aonde quer*”: razões da política no Portugal seiscentista. Lisboa: Colibri, 1998.

ZUCCARO, Leonardo. *O discurso evidente: um estudo da descrição na obra impressa de Manuel Botelho de Oliveira*. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.